

Com aumento da crise econômica e estabilização alta dos casos fatais de covid-19, avaliação é de que Bolsonaro aposta no avanço da vacinação para recuperar a popularidade. Analistas veem riscos de protestos

# Avaliação presidencial em xeque

Minervino J2nior/CB/D.A Press - 5/4/21

» LUIZ CALCAGNO  
» MARINA BARBOSA

Em um dos piores momentos do governo, o presidente da República enfrenta um labirinto de números. Jair Bolsonaro procura o caminho para patamares superiores nas avaliações econômicas, mas só encontra escadas descendentes. E os únicos caminhos que sobem são o de contaminados e mortos por coronavírus e da reprovação perante a população. O número de mortos está a caminho da fúnebre marca de 400 mil, e a quantidade de brasileiros que perderão a luta contra o vírus pode chegar a 5 mil em 24 horas, segundo estimativas da Universidade Federal Fluminense.

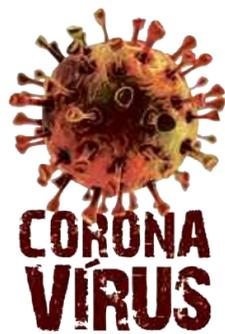
E Bolsonaro não poderá dizer sequer que estava preocupado com a economia, pois, como especialistas alertaram durante todo ano de 2020, a quantidade de contaminados e mortos refletiria em um cenário econômico ruim. Nas últimas semanas, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Confederação Nacional da Indústria (CNI) registraram queda nos índices de confiança de empresários e consumidores brasileiros, puxados, justamente, pelo descontrole provocado pela pandemia. A piora das expectativas é sentida de forma generalizada pelos setores econômicos e deixará investimentos, contratações e o consumo retraídos nos próximos meses, o que deverá segurar ainda mais a retomada econômica do país.

De acordo com a FGV, a prévia da sondagem da indústria de abril indica risco de uma quarta queda consecutiva, de 1,1 no Índice de Confiança da Indústria (ICI). Se a redução se confirmar, o ICI vai de 104,2, registrado em março, para 103,1, a menor marca desde agosto de 2020, quando o índice estava em 98,7. Na série de quedas, as medições ficaram em -3,6 em janeiro, -3,4 em fevereiro e -3,7 em março. Divulgado em abril, o Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) de março, por sua vez, teve queda de 5,8 pontos, e foi para 77,1 pontos. É também o menor número desde agosto, quando o IAEmp estava em 74,8. Segundo a FGV, a queda foi puxada pelo cenário da pandemia.

O IAEmp registrou queda de 2,2 em janeiro e 0,6 em fevereiro. E divulgado em 31 de março, o Índice de Confiança Empresarial é outro com forte recuo, de -5,6 pontos, novamente por conta da crise sanitária, indo para 85,5 pontos. Consequentemente, o Índice de Confiança do Comércio ficou em -18,5 pontos, caindo para 72,5 pontos, e o do consumidor teve recuo de 9,8 pontos, para 68,2.



Bolsonaro viu o índice de reprovação ao governo subir de 40% para 44% entre janeiro e março deste ano, segundo Datafolha



**A queda da popularidade está relacionada à má gestão da crise sanitária, que afeta os índices de confiança, principalmente do consumidor"**

**André Rosa,**  
cientista político

Um levantamento do PoderData aponta que a taxa de rejeição a Bolsonaro está em 56%. Já de acordo com pesquisa do Datafolha, a reprovação ao governo foi de 40% a 44% entre janeiro e março deste ano. O indicador equivale ao de maio e junho de 2020, pior índice registrado na gestão. O saldo negativo é de 12 pontos percentuais em relação a dezembro, quando a reprovação era de 32%. A esperança de melhora está no avanço da vacinação, sob comando do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, o quarto a assumir a pasta durante a pandemia.

## "Cavalo de pau"

O cientista político André Rosa explica que há uma intrínca relação entre os índices econômicos de confiança, a alta de contaminação e mortes por coronavírus e a popularidade do presidente. Além disso, ele lembra, a confiança do consumidor e a do empresariado caminham juntas. "Temos muita confusão entre os Poderes e um Executivo que foi negacionista desde o começo da pandemia e, agora, teve que baixar o tom, usar máscara. Como o empresário avalia? Não tem segurança política. O Brasil dificilmente

receberá investimento estrangeiro e não se sabe até quando vai durar a crise sanitária que afeta a economia", avalia.

Ao mesmo tempo, destaca o especialista, trabalhadores não sabem se permanecerão no emprego e consomem menos, pagam à vista, e o dinheiro para de circular. A piora no cenário, por sua vez, acaba provocando demissões. "E a queda da popularidade está relacionada à má gestão da crise sanitária, que afeta os índices de confiança, principalmente do consumidor", pontua.

André Rosa lembra que o governo não foi pego de surpresa. O cenário de agravamento da crise era previsto. Para ele, Bolsonaro agiu na esteira do ex-presidente americano Donald Trump que, no entanto, estava em eleições e fez um cálculo político errado ao apostar que o vírus seria passageiro. "Hoje, o eleitor tem o voto econômico. Se tem renda e emprego, reforça o governo. Se cai, busca outra alternativa", alerta. Para o cientista político, Bolsonaro tenta dar um "cavalo de pau" nas convicções e pode perder eleitores. "Ele tem equívocos em todas as ações. Até para proteger o setor econômico, ele errou", afirma.

## » Pátria Voluntária gasta mais do que arrecada

Lançado há quase dois anos, o programa Pátria Voluntária segue firme nas redes sociais da primeira-dama Michelle Bolsonaro, que coordena a iniciativa. No mundo real, porém, o programa praticamente não recebe novas doações desde julho do ano passado. Dados do próprio governo mostram que o Pátria Voluntária gastou até agora mais com propaganda do que destinou em doações. Até março deste ano, o governo empregou R\$ 9,3 milhões para divulgar o Pátria. Foram R\$ 9,039 milhões em publicidade e mais R\$ 359 mil para manter no ar o site do programa. Já as doações feitas por empresas privadas e pessoas físicas que o programa repassou às entidades que atendem pessoas carentes estão em R\$ 5,89 milhões. A maior parte foi transformada em cestas básicas. O programa parou no momento em que mais da metade dos domicílios brasileiros enfrentam algum grau de insegurança alimentar em consequência da pandemia da covid-19.

## Chance de protestos

Na visão do estrategista político Orlando Thomé, dos 30% de apoio sólido que Bolsonaro consegue manter desde 2019, cerca da metade já assume um tom cético com o governo. É um grupo que pode vir a abandonar o presidente graças à gestão da pandemia. Ele destaca, ainda, que, mesmo nos melhores momentos do governo, a aprovação de Bolsonaro nunca foi "espetacular". "Tivemos, ao longo de 2020, uma crise pandêmica em que não havia remédio que não o isolamento. O presidente foi contra. Quando surgiu no mercado a possibilidade das vacinas, abriu-se uma esperança para as pessoas e ele critica os imunizantes. E a narrativa negacionista segue, mesmo o governo liberando recurso", lembra.

Para Thomé, desgastado, Bolsonaro tenta adaptar as narrativas, mas ele não consegue falar com a mesma intensidade, e a população percebe. Depois, havia expectativa de agentes econômicos sobre a vacina, que o governo atrasou em adquirir. "Isso faz com que agentes econômicos digam 'basta'. O que se reflete nos manifestos de grandes grupos econômicos e na queda nos índices de confiança", destaca.

## Vacina e emprego

Thomé acredita que, após a vacinação, Bolsonaro enfrentará manifestações nas ruas, semelhantes às de 2013. Já o advogado e cientista político Rafael Favetti destaca que Bolsonaro perdeu a oportunidade de mudar o estilo negacionista de outros líderes de extrema-direita no mundo, entre eles, o próprio Trump e o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson. "Teve um segundo momento que o presidente do Brasil foi o maior propagandista mundial de um tipo de tratamento de eficácia não comprovada. E tivemos por derradeiro a rejeição à CoronaVac, que abastece o SUS", recorda.

Agora, Bolsonaro tenta mudar o discurso sem uma autocrítica, o que gera desconfiância. "Gestores erram. Boris Johnson fez uma autocrítica na TV", diz. Para piorar, o governo Bolsonaro já não passava os sinais corretos, mesmo antes da pandemia. Principalmente no setor econômico. O intervencionismo de Bolsonaro não dá espaço de manobra para a equipe de Paulo Guedes, o que insatisfaz o setor econômico desde 2019. A reforma tributária e as privatizações não caminham, o auxílio ficou menor, falta vacina e o desemprego cresceu, aponta. (LC e MB)



Por Roberto Brant, bacharel em direito

**"Mais uma vez, estamos regredindo na economia e, para piorar, estamos sendo devastados por uma pandemia que o governo fracassou em prever e não se empenhou em combater"**

## Para qual passado vamos retornar?

Comecei a minha vida quando o Brasil era o país do futuro. Hoje tenho medo de terminá-la com o Brasil sendo o país do passado. Durante a maior parte do século 20, nosso país era amplamente reconhecido como fadado a estar no grupo dos países ricos num tempo não muito distante. Desde o início dos anos 1900, a nossa renda por habitante cresceu regularmente a taxas elevadas, chegando a quase 3% nas décadas de 1920 e 1930, passando a 4,1% na década de 1950 e 5,8% nos anos 1970, mesmo com a população crescendo muito rapidamente.

Em dólares de ano 2000, a renda per capita dos brasileiros saltou de US\$ 586 em 1940 para US\$ 3.052 em 1980, multiplicando-se mais de cinco vezes. Se este ritmo fosse mantido, nossa renda hoje em

dólares estaria em torno de US\$ 16.000 em preços correntes ou mais de US\$ 30.000 em termos da chamada paridade do poder de compra, que ajusta a renda pelos preços vigentes em cada país. Neste nível o Brasil seria hoje um país rico.

Isto, infelizmente, não aconteceu, por uma variedade de causas sobre as quais não se estabeleceu ainda um consenso razoável. Desde 1980, a economia brasileira não teve mais um crescimento regular e, em alguns períodos longos, como as décadas de 1981/1990 e 2011/2020, tivemos crescimento negativo da renda por habitante e ficamos mais pobres.

As nações podem ter muitos objetivos, fracassar em alguns deles e ter êxito em outros, seguindo seu caminho na história sem maiores percalços. No Brasil, porque temos extensão territorial, gran-

de população e uma infinidade de recursos, ao mesmo tempo em que a maioria da população vive na pobreza ou mesmo na miséria, o crescimento econômico tem que ser um objetivo central. Manter-se por quase 40 anos praticamente na estagnação, por culpa exclusivamente nossa, é um pecado sem remissão.

Estamos vivendo agora um dos piores momentos de nossa história. Mais uma vez, estamos regredindo na economia e, para piorar, estamos sendo devastados por uma pandemia que o governo fracassou em prever e não se empenhou em combater. Para completar, nossa sociedade está dividida, sem rumo e orientação. Daqui a um ano e meio a nação vai se reunir para escolher se deseja mais quatro anos deste governo ou, ao contrário, um outro governo diferente.

Consultando as pesquisas de opinião que têm sido divulgadas ultimamente, podemos perceber uma nação que se divide entre três rumos. Cerca de 32% afirmam que votariam em Lula, 30% que votariam em Bolsonaro e em torno de 27% que votariam numa lista de nomes de uma possível terceira via. Em termos gerais, as opções são praticamente equivalentes. Quase dois terços das pessoas projetam uma volta a algum passado. A opção Bolsonaro é a escolha pela volta de um país mais autoritário e mais militarizado, em que a ordem prevalece sobre tudo o mais, nos moldes do que foi o regime militar que durou de 1964 a 1985 e que legou à sociedade civil recessão, inflação e insolvência do Estado. A maioria das pessoas que expressa esta preferência nostálgica, na verdade, não conheceu pessoalmente o regime militar. Só as pessoas hoje com mais de 70 anos tiveram de fato esta experiência e são uma par-

cela muito pequena dos eleitores.

Os 13 anos de governos do PT são igualmente uma volta a um passado que não terminou bem. Os anos de Lula e Dilma foram anos de um crescimento irregular que, no seu final, combinou profunda recessão econômica, inflação e crise fiscal. Além disso, trouxe para a vida nacional polarização política, uma crise moral sem precedentes, corrupção institucionalizada e a desvalorização da vida política.

Um país que está indeciso entre voltar a um ou outro desses passados é certamente um país que não acredita mais em qualquer futuro melhor. O passado é algo a que não se deve voltar senão como uma introspecção que nos ilumine para que evitemos repetir os mesmos erros.

Um fio de esperança sobrevive porque um terço dos brasileiros mantém firme sua recusa em seguir nestes caminhos sombrios. Quem sabe ainda podem ser muito mais?